

Capítulo II - A RAIZ REDONDA

Como em um passe de mágica, o estacionamento se esvaziou, pois as pessoas correram em direção à mulher que gritava mostrando um incontrolável desespero. Nós também seguimos os sons que traduziam uma grande aflição. No local só ficaram os macacos, certamente sem entender a razão para a súbita interrupção do tão esperado almoço.

Chegando mais perto de onde estava a mulher, percebemos que não se tratava de uma pessoa completamente estranha a eles.

Quando íamos iniciar o passeio, notamos que ela estava com o marido e com os dois filhos pequenos logo no início da estrada, após o estacionamento. O pai vestia roupas de corrida e tentava alongar-se, usando a mureta baixa e um tanto estreita, que separava a pista do abismo, para apoiar o calcanhar. No entanto, o filho que aparentava ter uns 4 anos, e usava uma roupa de Homem-Aranha, o interrompia a todo momento mostrando um a um os componentes de uma interminável coleção de animais da floresta e da fazenda que ele trouxera de casa para brincar ali. Ana abaixou-se, flexionando levemente os joelhos, para interagir com a criança que, de imediato, mostrou grande desenvoltura a ponto de identificar o tigre-de-bengala entre os seus animais.

Aproveitou para emendar na conversa o seu nome e o nome da professora da creche. Na hora de esticar a mão para mostrar os dedos correspondentes à sua idade, atrapalhou-se um pouco, mas com a ajuda do pai conseguiu esconder o polegar e apresentar os outros 4.

Eu aproveitei a interrupção da caminhada para conversar um pouco com o pai a respeito das corridas e das vantagens em treinar nas Paineiras com o piso de boa qualidade e a paz proporcionada pela Floresta. Fiquei sabendo que o pai pretendia percorrer os 4 km do primeiro trecho da estrada, retornando em seguida, com a vantagem da descida.

Muita atenta ao diálogo que a Ana travava com o filho, a mãe desempenhava o papel de babá da filha de 2 anos. Querendo aproveitar ao máximo a independência dos movimentos que conquistara quando passou a andar com melhor equilíbrio, a menina estava interessada em qualquer coisa que passasse na sua área de ação. Podia ser outra criança, um cachorro ou até mesmo uma borboleta com seu voo em ziguezague.

Capítulo II - A RAIZ REDONDA

Quando Ana comentou que a menina demonstrava uma energia que parecia não ter fim, a mãe, do alto do conhecimento acumulado pela vivência de dois períodos de maternidade, afirmou que ela, em breve, pediria uma mamadeira e para esta etapa do dia, o carrinho de bebê já estava pronto, ali do lado, para acomodá-la.

Tomamos a iniciativa de nos despedir do casal e das crianças e iniciamos o passeio montanha acima. Eu ainda olhei para trás antes que a primeira curva tirasse a família do meu campo de visão, na esperança que meu novo amigo corredor tivesse iniciado o treino. Mas notei que o menino ainda requisitava a atenção do pai, após enfileirar todos os seus bichos no canto da estrada, como se fosse um cortejo na selva.

Muito tempo depois, quando já retornávamos para o estacionamento, cruzamos com o pai na sua corrida de enfrentamento do aclave, deixando claro que ele havia optado em dar suficiente atenção aos filhos, principalmente ao garoto.

Também estava implícito que a mãe tinha ficado sozinha, tomando conta das crianças. E este fato pode ter representado a principal causa para a ocorrência do incidente.

No meio de tanta confusão, com as pessoas aglomeradas em torno do local do acontecimento, eu não conseguia construir uma versão para o que de fato ocorreu: com a menina dormindo no carrinho, a mãe aproveitou para se alongar sentada na mureta que divide a pista do abismo, com as pernas esticadas e também apoiadas na mureta. Sem que ela percebesse, o menino, em rápidos movimentos, subiu na mureta com o objetivo de abraçar a mãe pelas costas, provavelmente desejando alcançar a sua nuca. Sem condições para controlar a força do impulso na subida, o menino se desequilibrou na estreita mureta e caiu em direção ao abismo.

Quis a proteção divina, que logo abaixo da mureta, um emaranhado de fortes raízes de perfil arredondado e cipós resistentes funcionasse como uma espécie de rede natural, amparando o corpo do garoto, evitando que ele sofresse uma queda fatal, caso descesse a ribanceira. Fosse um adolescente, certamente aquela rede natural não resistiria ao impacto de um corpo mais pesado.

Capítulo II - A RAIZ REDONDA

A situação era muito crítica, pois não havia possibilidade de uma avaliação correta de quanto tempo o menino permaneceria a salvo naquelas condições precárias. A ação aparentemente mais simples, seria arremessar uma corda para que ele segurasse e fosse içado. Mas não havia a mínima garantia de que o garoto, além de manter a corda segura com as duas mãos, suportasse o seu próprio peso enquanto puxado. O fracasso dessa operação poderia representar outra queda, sem que a rede, já esgarçada pelo primeiro impacto, estivesse em condições de ampará-lo novamente.

A mãe foi orientada por um médico, que levava uns amigos para conhecer as Paineiras, a manter uma conversa calma com o filho, com o objetivo de tranquilizá-lo, evitando movimentos bruscos, ao mesmo tempo em que deveria informá-lo que seu pai, ainda correndo e ignorando a situação do filho, estava chegando com ajuda para resgatá-lo.

Na realidade, o socorro foi solicitado imediatamente para um policial militar que fazia a segurança do local, usando uma viatura com rádio. Contudo, as pessoas ali presentes já tinham construído um consenso que o menino só poderia ser retirado com segurança, se uma pessoa com a devida habilidade e robustez chegasse até ele, sendo os dois içados em seguida.

A solução que veio logo à mente de alguns que propunham alternativas para superar aquele quadro crítico era contar com a experiência do Corpo de Bombeiros. A solicitação para que eles viessem com urgência foi passada imediatamente para o policial que, em seguida, acionou a Central da Corporação. Mas todos temiam que, em função da distância longa das Paineiras para o Quartel dos Bombeiros mais próximo, quando eles chegassem já teria sido tarde demais.

Um pequeno grupo de senhoras começou uma oração, ao mesmo tempo em que o choro do menino se tornava mais intenso. As senhoras repetiam a todo instante as palavras Fé e Esperança. Muitos olhavam em direção à entrada do estacionamento, com a expectativa de ver o caminhão vermelho do Corpo de Bombeiros surgir no topo da ladeira. Outros consultavam o relógio para calcular quanto tempo havia se passado desde quando o policial tinha feito contato com a Central. Mas foi do outro lado, da descida da estrada, que a providência divina enviou a tão esperada ajuda.

Capítulo II - A RAIZ REDONDA

Jovens praticantes de alpinismo haviam terminado o treinamento de escalada e desciam para o estacionamento para pegar seus carros. Eles portavam seus equipamentos para o difícil exercício, incluindo cordas e grampos especiais. Chamados aos gritos pelos presentes, correram em direção ao local do incidente. Rapidamente avaliaram a situação e decidiram agir usando uma técnica que consideraram como a mais segura, para o menino e para eles.

O técnico, pela sua experiência, e por ser o mais forte do grupo, chegaria até o menino, como se estivesse mergulhando no abismo. Outros 2 jovens musculosos agarrariam, cada um, uma perna do técnico na altura da coxa e baixariam o técnico até ele segurar o corpo do menino. Outros 2 jovens segurariam os corpos dos alpinistas que sustentavam o técnico, evitando que eles perdessem o equilíbrio, pois seus abdomes ficariam pressionados contra a mureta durante o salvamento.

A incrível engrenagem humana funcionou conforme o planejado, e quando o técnico gritou que o menino estava com ele e seguro, o içamento começou e em poucos segundos, todos estavam comemorando na estrada o sucesso da operação de resgate, enquanto a mãe, em choro copioso abraçava e beijava o seu filho, ininterruptamente.

O caminhão vermelho dos Bombeiros chegou durante a celebração do sucesso da operação de salvamento e os homens em suas fardas cor cáqui, ouviram, incrédulos, a façanha dos jovens alpinistas.

Poucos minutos depois, o pai, curioso pela quantidade de gente em volta de um caminhão dos Bombeiros parado justamente no local onde a sua família tinha ficado, retornou do seu treino. Nós vimos essa última cena de dentro do carro, durante a manobra para contornar o caminhão e sair do estacionamento com destino a um restaurante, pois o esforço despendido pelo passeio matinal, associado à forte emoção do resgate, abriu o nosso apetite.

